



NO PAVILHÃO

Higor Lima da Silva¹
Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

De tribulações em tribulações,
sem medo algum, assistir fogos de artificios,
saude até mesmo de teu sorriso.
A gota transforma sementes vermelhas.

Teu invasivo olhar,
dois corações que tremem;
borboletas que escapam para sempre.

A cada encontro nosso,
canta o tsuru nosso amor.
A cada alto terraço, vigília de espera,
canta o erhu a nostalgia.

De vida em vida,
a cada estupa erguida,
chora a vela pela tua partida,
cantam o Sutra pela tua despedida.

A cortina de orquídeas

¹Licenciando em Letras Português-Francês, pela Universidade Federal de São Paulo. E-mail: higor.lima@unifesp.br

celebra a memória de nosso altar.
Quem diria? A eternidade é muito curta,
para eu dizer que a amo, para pagar por toda tua ternura.

De inverno em inverno,
caem em minha palma os flocos de neve,
tão frágeis quanto os poucos encontros de nossas mãos.

Inclino meu rosto para trás e
vejo iluminado pelo lampejo
de minhas lágrimas translúcidas:
mil anos, outros incontáveis mil anos.

A leve chuva que cai secretamente no telhado do Pavilhão,
pelas quietas lágrimas que percorrem meu rosto nu,
faz florir diante do salgueiro
selvagens flores da amarga

se
 pa
 ra
 ção.

Mil anos, outros incontáveis mil.
Sentado na pedra,
novamente é sozinho
que joga pedras no rio.

Para comover os céus,
acendo cem mil incensos, e,
que assim, possam eles permitirem
nosso amor fruir.

No Rio Ganges, sob o brilhante fecho

da lua encoberta por trevosas nuvens,
nossas bagunçadas lágrimas
encontram-se e separam-se, para sempre.

E a nuvem de incensos no céu?
Ainda tão frágil quanto nossos momentos,
juntos e eternizados nas palavras
que nunca conseguiremos dizer um ao outro.

Recebido em: 09/01/2022 Aceito em: 21/07/2022